É outra vez “a economia, estúpido!”

Os eleitores norte-americanos manifestaram-se: estão descontentes e preocupados. Descontentes com a qualidade de vida que têm. E preocupados, não com as causas identitárias, mas com a vida material.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 12 de novembro de 2025

Qualquer coisa parece estar a mudar nos Estados Unidos. No ano passado, Trump ganhou em toda a linha: no voto popular e no colégio eleitoral, no Senado e na Câmara dos Representantes e, bem entendido, a Casa Branca.

Agora, perdeu em toda a linha. Nas três eleições-chave, as que tinham maior significado político, a vitória democrata foi esmagadora. Na Virgínia, uma candidata centrista e moderada bateu a sua adversária republicana por uma margem histórica de dois dígitos e tornou-se a primeira mulher governadora do Estado. Em Nova Jérsia, outra candidata, igualmente centrista e moderada, obteve igual sucesso e assegurou outro feito histórico: o terceiro mandato consecutivo para os democratas. Em Nova Iorque, um candidato carismático, imigrante assumido e que se auto- intitula “socialista e democrata”, venceu o candidato expressamente apoiado por Trump e tornou-se o primeiro *mayor* muçulmano da maior cidade dos Estados Unidos.

Mas a vitória democrata não ficou por aí: os democratas tiveram vitórias expressivas em outras cidades (Cincinatti, Pittsburgh e Detroit), outras assembleias estaduais (Virgínia) e maiorias em supremos tribunais estaduais (Pensilvânia).

Na Califórnia, um referendo aprovou por maioria esmagadora o redesenho das circunscrições eleitorais que garantem o reforço da representação democrata nas próximas eleições federais. É o tradicional *gerrymandering* e a resposta democrata ao que Trump e os republicanos já tinham feito noutros estados.

É certo que, como o próprio o disse, Trump não estava no boletim de voto. Outra forma de dizer que a culpa da derrota não é sua. Mas não é menos certo que Trump polarizou e personalizou de tal modo a política americana que, agora, dificilmente escapa ao espectro da derrota. Certo é, também, que estas não eram eleições federais, mas antes estaduais e municipais.

Mas a dimensão e a transversalidade da derrota foi tal que é difícil escapar a uma leitura nacional.

A verdade é que, coincidência ou não, estes resultados eleitorais reflectem um sentimento nacional de descontentamento generalizado, traduzido numa das piores taxas de aprovação do Presidente (37%), apenas 1% acima da mais baixa de sempre. Os eleitores manifestaram-se: estão descontentes e preocupados.

Descontentes com a qualidade de vida que têm. E preocupados, não com as causas identitárias, mas com a vida material. Não com os atletas transgénero ou as casas de banho unissexo, mas com o custo de vida: o acesso à habitação, aos cuidados de saúde ou o custo dos transportes públicos.

Os democratas souberam ouvir e capitalizar esse descontentamento e essa preocupação. Fizeram destas eleições uma espécie de referendo a Trump e venceram.

As aventuras internacionais de Trump têm pouco ou nenhum impacto na política doméstica e a sua agenda económica tarda em trazer resultados concretos à população, o que agrava o descontentamento.

Por outro lado, a colonização do Estado por Trump e os seus fiéis e a perseguição aos adversários políticos, a quem apelida de inimigo interno, estão a agravar a polarização e a exclusão política de uma parte significativa da América. E convém não esquecer que há 75 milhões de americanos que votaram Kamala Harris e que não têm hoje qualquer poder que os represente nas instituições federais.

A derrota deixa um dilema ao Partido Republicano. A receita Trump não está a ter os resultados esperados, a qualidade de vida do americano médio não está a melhorar e o eleitorado republicano começa a diminuir e a reduzir-se do núcleo duro MAGA. O dilema é evidente: deve o partido cerrar fileiras em torno de Trump ou pelo contrário começar a preparar o pós-Trump?

Mas a vitória também traz um dilema ao Partido Democrata. É certo que, depois da humilhação eleitoral do ano passado, estas foram vitórias inequívocas que marcam a emergência de uma nova geração de líderes e a abertura de uma janela de esperança. Mas, apesar da vitória, o Partido Democrata está longe de ter resolvido a questão central da identidade ideológica que o dilacera: a clivagem entre radicais e moderados, centristas e progressistas. Qual das tendências prevalecerá? Ou encontrarão uma solução de consenso? Eis a questão.

Uma coisa é certa e vale para ambas: o futuro não está nas questões identitárias, mas antes nas questões sociais. Talvez o caminho futuro esteja no regresso à velha tradição "liberal" americana, o mesmo é dizer à social-democracia europeia. O voto pós-económico revelou-se uma ilusão. Talvez seja outra vez "a economia, estúpido".

https://www.publico.pt/2025/11/12/opiniao/opiniao/economia-estupido-2154197